

FICHA TÉCNICA

www.manuscrito.pt
facebook.com/manuscritoeditora

© 2017

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *A Americana Que Queria Ser Rainha de Portugal*

Autora: *Ana Anjos Mântua*

Copyright © Ana Anjos Mântua, 2017

Copyright © Letras & Diálogos, 2017

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *C&P Design*

Fotografias da capa e contracapa: Coleção Particular

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8818-74-4

Depósito legal n.º 418 735/16

1.ª edição, Lisboa, Janeiro, 2017

Esta obra segue a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

*Aos meus saudosos pais e ao João,
filho muito amado.*

«... nursing that wonderful gift to her sex — the
hopeless optimism begotten of love.»¹

¹ Frase retirada do romance *Nobody's Man*, de 1921, do escritor inglês Edward Phillips Oppenheim, transcrita por Nevada Hayes para o seu diário de 1923 («... acalentando a maravilhosa dádiva do seu sexo — o optimismo desesperado gerado pelo amor», tradução livre de John Elliott).

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	15
I Nada acontece por acaso!	19
II A viagem que havia de mudar a minha vida	25
III Sonhei que era princesa... ..	47
IV Uma vida profissional empolgante	53
V Nova Iorque, a cidade do sonho americano	57
VI Primeiro casamento e o único filho	63
VII Segundo casamento e a liberdade financeira, aquilo a que todos chamaram o «golpe do baú» ...	69
VIII Perseguida pelos «caçadores de fortunas»	73
IX Um encontro inesperado	79
X Um casamento precipitado	85
XI Um divórcio por umas luvas de cetim	89
XII Entre dois continentes	95
XIII Uma má experiência com as artes	101

XIV	Os franceses adoram-me e os ingleses também!	107
XV	«Há muitos condes neste mundo, não casarei com nenhum!»	113
XVI	Disposta a tudo para casar com Afonso	121
XVII	Porquê tantos obstáculos?	127
XVIII	E partimos em lua-de-mel	139
XIX	A nossa vida em Nápoles	145
XX	Nem na sua morte me reconheceram... ..	157
XXI	Um funeral digno de um príncipe	163
XXII	Desde que nos amámos é a primeira vez que eu não sei onde ele está... ..	177
XXIII	Na senda da herança	187
XXIV	Os «meus» loucos anos 20!	207
XXV	Muitas mágoas... ..	211
XXVI	Um caso, à partida, sem futuro	215
XXVII	A minha viagem à volta do mundo	219
XXVIII	Os últimos anos	229
	NOTA FINAL	235
	AGRADECIMENTOS	243
	BIBLIOGRAFIA	245



Nevada Hayes-Chapman, então já duquesa do Porto, e o infante D. Afonso.
(Colecção Particular)

NOTA PRÉVIA

Em Outubro de 2012, o meu querido amigo José Alberto Ribeiro, após ter visto um conjunto de documentos de uma colecção particular, que na altura não estava no âmbito da sua investigação, lançou-me o desafio de pesquisar e estudar esta personagem, praticamente desconhecida dos portugueses e terrivelmente malvista pelos que alguma vez ouviram falar dela — Nevada Hayes (nome pelo qual é mais conhecida), viúva do infante D. Afonso, duque do Porto, irmão do rei D. Carlos. Assim, numa primeira reacção, não foi um tema que me tenha despertado grande interesse, mais a mais encontrava-me na época embrenhada numa investigação sobre coleccionismo, antiquariato e mercado de arte em Portugal. Mas aquele nome — Nevada Hayes — permaneceu bem arrumado numa gaveta do meu inconsciente até que um dia deparei com documentação sobre vendas em leilões internacionais de peças, maioritariamente jóias, que tinham pertencido à família real portuguesa. O trabalho de um historiador chega a adquirir contornos detectivescos, seguem-se as pistas que se nos apresentam, que conduzem a outras e a outras e a outras... E estas levaram-me até esta personagem!

O estudo que estava a realizar levou a que, no dia 19 de Março de 2013, a Prof.^a Dr.^a Maria João Neto me convidasse para colaborar com um artigo a integrar o n.º 2 da revista *ARTIS*, subordinado ao tema «Coleccionadores e Colecções», ao qual dei o título «A Herdeira Americana da Família Real Portuguesa», onde apresentei documentação inédita, proporcionando, assim, uma visão renovada de alguns aspectos da vida da viúva do duque do Porto.

Para este trabalho, precisei de conhecer mais profundamente todo o seu percurso, o que me conduziu a uma investigação mais alargada, principalmente na imprensa, arquivos e colecções internacionais, uma vez que em Portugal, além de alguns artigos em jornais e revistas, e com um relativo desenvolvimento, só existiam referências nas obras escritas pelos jornalistas e historiadores Emygdio Garcia, no seu livro *O Infante D. Afonso de Bragança* e nos fascículos do Arquivo Nacional, entre outros, e Francisco José da Rocha Martins, em diversos artigos publicados nas revistas *Ilustração Portuguesa* e *Fantoches*, bem como outros artigos em jornais, mas com menos profundidade. Mais tarde, um outro autor, Eduardo Nobre, no seu livro *Paixões Reais*, também dedicou um capítulo ao casamento de D. Afonso com a americana, contudo baseado nos textos publicados por aqueles dois.

Curiosamente, todos os relatos a identificavam como uma mulher que não olhava a meios para conseguir o que pretendia, arrogante, calculista, obsessiva, mal-educada, enfim, um rol de defeitos sem fim. Não é que não os tivesse, mas seria só isto?!

Comecei a perceber que todas as referências a Nevada principiavam por identificar aquele que pior dela dizia e se baseavam, em grande parte, nos seus relatos: Luiz Francisco, mais conhecido pelo «Ponta da Unha», motorista e criado de D. Afonso, que se tornara também amigo e confidente e que Nevada despediu em Nápoles. O rancor que por ela nutria certamente não lhe podia conferir a qualidade de um bom avaliador e testemunha de carácter...

Assim, todos os factos relatados por Luiz Francisco foram repetidos até à exaustão em tudo o que se escrevia acerca de Nevada Hayes.

Mas Nevada não era apenas um poço de defeitos. A possibilidade de aceder a uma documentação mais variada deu-me a conhecer muitas outras facetas desta mulher, oriunda de uma família remediada da América profunda, que se metamorfoseou, tornando-se

numa das figuras mais admiradas e faladas pela imprensa internacional e pela aristocracia europeia, em particular pelas parisiense e londrina, locais aos quais chamou sua casa.

Quando apresentei à Sofia Monteiro, editora da Manuscrito, o projecto para uma biografia de Nevada Hayes, ela abraçou-o de imediato, mas com uma condição, não podia ser uma biografia, tinha de ser um romance histórico narrado na primeira pessoa. De início fiquei assustada, pois nunca tinha pensado no livro dessa forma. Como historiadora sempre me habituei a escrever a partir de provas concretas, de documentos e de factos. Mas uma maior reflexão sobre o assunto levou-me a concluir que a Sofia tinha razão. Pela sua vivência tão diversa, tão excitante, tão manipuladora, tão arrebatadora, chegando a tocar a excentricidade, a vida de Nevada dava um filme!

Assim, nasceu este livro, construído sobre uma investigação e um suporte documental fidedignos, no qual pretendo retratar e repor verdades e onde a ficção ocupa um lugar secundário. E por ter tido a oportunidade de o escrever com um enorme prazer e experimentar um outro tipo de narrativa, estarei eternamente grata à Sofia Monteiro e à Manuscrito!

I

Nada acontece por acaso!

O dia amanhecera quente. Estávamos a 8 de Junho de 1908, data que jamais esquecerei.

Tinha chegado a Lisboa de comboio vinda directamente de Paris. Passados apenas três dias decidi visitar Sintra. O meu objectivo era, acima de tudo, conhecer a notável Beckford Hill, ou Quinta de Monserrate, como também lhe chamavam, pois talvez conseguisse ali encontrar Tennie C., *petit nom* de Tennessee Celeste Clafin, viscondessa de Monserrate, uma famosa minha compatriota, agora viúva e proprietária do local, que todos elogiavam como uma mulher magnífica, mundana e lutadora que inspirou tantas outras.

Conheci Tennie C. durante a minha última estada em Inglaterra, no início do ano, em Peamore House, na cidade de Exeter, capital do condado de Devon, numa festa oferecida por Sir Trehawke Herbert Kekewich, o qual, anos mais tarde, se veio a revelar um grande amigo. Mas vamos ao que interessa. Tennie C., tal como eu também nasceu no velho e empoeirado Ohio, terra de mineiros, criadores de gado e construtores de caminhos-de-ferro, é uma sufragista, com uma visão fora do comum e tão arrojada para a sua origem rural e conservadora, tendo sido a primeira mulher a abrir uma corretora em Wall Street, cujos lucros serviram, entre outras coisas, para fundar um jornal feminista radical. Criou com a sua irmã, Victoria Woodhull, um movimento de defesa dos direitos das mulheres e chegou a concorrer ao Congresso pelo estado de Nova Iorque, perdendo, é claro! Era ainda muito cedo para se reconhecer o valor de uma mulher... Nunca me considerei uma feminista, mas

admiro muito esta mulher que alimentava convicções tão controversas para a época, como o serviço militar feminino e a legalização da prostituição, o que resultou num desconforto ou até mesmo medo por parte das feministas americanas.

Acabou por abandonar os Estados Unidos da América, indo viver para Inglaterra, onde conheceu Francis Cook, com quem casou em 1885, um dos três homens mais ricos da Grã-Bretanha, baronete de Cook titulado pela rainha Vitória e 1.º visconde de Monserrate, um título criado em seu favor por D. Luís I, rei de Portugal. O que vale é que tenho uma belíssima memória, e trago sempre comigo um bloco de notas, ou estaria perdida com tantos títulos, datas e nomes complicados, correndo o risco de cometer muitas gafes sociais...

Na dita festa que já referi, conversámos durante longas horas e descreveu-me a sua vida em Portugal no palácio que o marido tinha mandado construir numa localidade chamada Sintra. Este milionário comerciante e coleccionador de arte tinha adquirido em 1855 a Quinta de Monserrate, onde mandara edificar um palácio romântico em estilo neoárabe rodeado de jardins à inglesa.

Fiquei deslumbrada, posso dizer mesmo seduzida, por tão encantatório relato! Decidi que tinha de ir a Portugal! Confesso que senti alguma inveja, comecei a pensar que talvez a mesma sorte me pudesse também bafejar. Tinha enviuvado há algum tempo, sentia-me sozinha, não que me faltassem pretendentes, mas nada do que eu ambicionava, talvez fosse o momento certo para encontrar alguém à minha altura, um aristocrata português, porque não?!

Também as trágicas notícias que nos chegavam acerca do bárbaro assassinato do rei e do príncipe, ocorrido em Fevereiro último, contribuíram para a minha rápida resolução. Corriam notícias acerca da disponibilidade do infante D. Afonso, irmão do falecido rei D. Carlos e agora príncipe real, um inveterado solteirão, que todos achavam que nunca se casaria. É claro que este facto despertou ainda mais a minha curiosidade, pelo que estava determinada a conhecê-lo, e talvez fosse aquele o momento adequado.

Procurei saber mais acerca daquela belíssima propriedade e cheguei mesmo a ler os versos que Lord Byron lhe dedicou na sua narrativa poética *Childe Harold's Pilgrimage*, que agora recordava enquanto percorria as estradas de Sintra. Como não fica bem a uma senhora viajar sozinha, levei Daisy Taylor comigo, minha criada, que me acompanha há já alguns anos, desde os tempos em que vivi em Nova Iorque, e que estava tão deslumbrada quanto eu com semelhante paisagem.

O palácio, visto do exterior, era uma combinação de influências góticas, indianas e mouriscas, com decorações exóticas e vegetalistas, que se prolongavam harmoniosamente para o exterior, e, tal como Tennie C. me tinha descrito, consegui perceber de imediato todo o fascínio que sentira ao vê-lo pela primeira vez. Experimentei a sensação de estar num cenário vivo de uma ópera romântica. Os jardins, integrados no bosque, obra do mestre jardineiro Francis Burt, mas sob a orientação atenta e conhecedora do visconde, eram absolutamente arrebatadores. Era tão perceptível o cuidado com que cada espécie botânica fora escolhida, de forma a conter naquela área a flora de todo o mundo, organizada em diferentes espaços. Encantaram-me os caminhos traçados por entre ruínas, recantos, lagos e cascatas, mas a zona que mais me surpreendeu, e que ainda hoje recordo com um enorme prazer, era a dedicada ao Japão, com azáleas, rododendros, camélias e bambus. Mas, infelizmente, não se encontrava ninguém na propriedade, à excepção dos caseiros e criados.

Desiludida, continuei a explorar os encantos daquela vila que tanto fascinava os britânicos. O carro conduziu-me por caminhos talhados no meio da floresta, paisagem idílica, por entre o verde cerrado da vegetação surgiam belíssimos chalés, senti-me como num conto de fadas. Passámos por Seteais e pelo Palácio da Pena e parámos um pouco no parque, junto a uma lindíssima construção de madeira e cortiça, o chalé da condessa de Edla.

Detive-me no centro, junto ao palácio real, para repousar, comer qualquer coisa e me refrescar, quando ouvi o som de um motor ruidoso de automóvel, perturbando aquela pacatez que me rodeava.

O *Fiat* — era essa a marca do carro — parou em frente ao paço e dele saíram dois homens para que rapidamente pudessem abrir a porta ao condutor. Percebi de imediato que se tratava de alguém importante, não só pelos poucos automóveis que até então tivera ocasião de ver em Lisboa, mas principalmente pela forma como era tratado. Detive-me a observar.

As gentes locais acorreram prontamente, fazendo-lhe vénias e cumprimentos prolongados. Perguntei, pausadamente para que me pudesse entender, a uma mulher que passava, de quem se tratava. Ela, entre palavras e gestos, e num tom de reverência, apressou-se a esclarecer-me que se tratava do príncipe real D. Afonso, irmão do falecido rei. Era um homem alto, com uns olhos azuis que reflectiam bonomia, bem vestido num estilo desportivo, com um elegante casaco de pele castanho.

Senti um calafrio. Ainda hoje não sei explicar o que se passou, mas fui subitamente acometida por um pressentimento. Continuo sem saber explicar bem o que se passou, pois não sou assim de arrebatamentos tão fortes, mas ao olhar para aquele homem tive a mais absoluta certeza de que ele havia, um dia, de mudar a minha vida.

Certamente reparou que estava fixada a olhar para ele, porque, para meu espanto, afastou-se da multidão e dirigiu-se-me, pegando-me na mão, apertando-a firmemente e perguntando-me num inglês irrepreensível:

— A quem tenho o prazer de beijar a mão?

— Nevada Hayes-Chapman — disse, recuando um pouco e tentando disfarçar a voz que teimava em fugir-me.

— Afonso de Bragança ao seu dispor... inglesa... americana... calculo?

— Sim, sou americana, mas vim de Paris, onde tenho vivido nos últimos anos — proferi com a voz ainda trémula.

— E a que devo a feliz coincidência de me encontrar consigo aqui, em Sintra...?

— Ahhhhhhhh — disse eu para me dar tempo a recompor.
— Vim na esperança de conhecer um local encantador e visitar uma querida amiga, a Tennie C., mas por má sorte parece que o destino impediu que nos encontrássemos e fez com que eu aqui viesse parar...

— Ah, sim, a viscondessa de Monserrate, conheço-a bem. E, até agora, quais são as suas impressões?

— Há muito que tenho um íntimo desejo de conhecer Sintra, curiosa por sentir o fascínio que exerce sobre mentes tão brilhantes e admiráveis...

— Parece que o destino a trouxe até aqui...

— Sim... — disse eu com a voz a fugir-me de novo.

— Vou ter de partir, por agora, mas gostaria muito de a voltar a ver!

Depressa o informei de que me encontrava hospedada no Hotel Bragança, em Lisboa. Despedimo-nos, ficando a pairar a promessa de um reencontro.

Durante a viagem de regresso a Lisboa, e com o coração a querer saltar-me do peito, recordei aqueles breves momentos. Os seus olhos azuis de profunda tristeza, marcados pela tragédia que se abatera no início do ano sobre a sua família, não me saíam do pensamento.

Não se falava de outra coisa em toda a Europa, um rei e um príncipe barbaramente assassinados, seu irmão e sobrinho tão amados, num atentado com disparos à queima-roupa que terminou num banho de sangue quando a família real se deslocava num landau aberto no Terreiro do Paço.